

Notícias

Aqui você encontra as principais notícias sobre educação.

17/11/2014 | Colunista: Richard Romancini

Participe

Ler, ouvir, refletir, depois “curtir”

Por que xingamos tanto na internet? Talvez por falta de crítica e não excesso

Tags: Redes Sociais,

Há alguns anos li uma [entrevista](#) com o filósofo Lucien Sfez em que ele diz algo sobre os estudantes brasileiros que me tocou fundo. A transcrição é um pouco longa, mas vale a pena:

Depois de passar quatro meses no Brasil, sinto que posso me comunicar muito melhor com os brasileiros do que antes. Agora conheço muito melhor as pré-noções da cultura brasileira. Percebi, por exemplo, com grande perplexidade depois de dois meses, que os estudantes não suportam críticas, e se eles não suportam é porque eles foram ensinados a não suportar. O que quer dizer que nós, professores, também não suportamos. Se critico de forma leviana, compreendo o aborrecimento dos estudantes. Mas se numa palestra ou exposição em sala de aula eu critico que uma colocação não tem sentido, que não corresponde ao assunto, estou ensinando os estudantes a pensar. Mas eles se recusam, não aceitam. Comunicar significa estar no mesmo registro, poder falar numa mesma linha de raciocínio. Quando estudantes franceses entram na universidade é para aprender a crítica. É verdade que estão se tornando cada vez mais ingênuos, mas no passado era assim: ensinar a criticar.

Suspeito que esse traço cultural de que fala Sfez não seja algo somente dos estudantes, mas sim da sociedade brasileira de maneira geral. Com frequência a ideia de crítica é entendida – e o que é pior, praticada – por nós como xingamento. Qualquer pessoa que tenha visto postagens e comentários no Facebook, principalmente na época da eleição, pode perceber como a comunicação (sobretudo entre os que pensam de modo diferente) era rara.

Nem sempre é possível xingar, e já ouvi histórias muito curiosas de estudantes brasileiros de pós-graduação que estiveram na Europa e estranharam o modo “rude”, “grosseiro” ou “direto demais” de seus orientadores ou professores. A crítica dói, pois talvez cultivemos em demasia a ausência da mesma. A ideia de que, numa discussão, o mais importante é o pensamento, os argumentos, a busca de conhecimento e não o ego dos participantes não é popular entre nós. Vencer uma discussão, impor o que se pensa, ou então sequer discutir os assuntos ficando na troca de amabilidades vazias, muitas vezes parece mais relevante do que obter esclarecimento.

Ter menos apego ao próprio ego, ao que se acredita (talvez de maneira pouco refletida ou excessivamente rígida) implica saber ouvir, ler, compreender os outros, os fatos do mundo e a nós mesmos. Como bem ensinava Sócrates, a vida autêntica, que vale a pena, é a vida examinada. Tal atitude exige, em geral, introspecção, paciência e reflexão – nem sempre os argumentos alheios, ou os nossos, são simples ou estão num ponto de uma escala binária. Nem tudo pode ser dito em 140 caracteres ou num meme.

Em 2008, Nicholas Carr publicou um célebre ensaio (*Is Google Making Us Stupid?*), depois ampliado num livro (A geração superficial – O que a Internet está fazendo com os nossos cérebros, publicado no Brasil em 2010), sobre os prejuízos cognitivos da tecnologia. Não é necessário concordar no todo com o argumento para reconhecer que, de fato, o uso e o consumo acrítico da rede potencializam o que há de pior na falsa comunicação e no pensamento: a despersonalização do outro, a superficialidade dos argumentos e, até mesmo, a possibilidade de ignorar os que pensam diferente de nós.

Por conta disso, parece fundamental que a educação preocupe-se com o desenvolvimento da capacidade de expressão – e de leitura, escuta do outro – nos ambientes sociais como um todo, e hoje particularmente na rede. Trata-se de entender a crítica como ela deve ser: fundada em argumentos, bem informada, respeitosa (ainda que direta), enfim, capaz de produzir mais luz do que calor. Essa é uma tarefa que, em parte, relaciona-se a planos adequados de letramento digital. É necessário pensar antes de “curtir” ou manifestar discordância sobre qualquer coisa.

Opine sobre este conteúdo

Eu gostei

0 pessoas gostaram disso

Favoritar

Imprimir

Newsletter

Receba as novidades de NET Educação por e-mail:

Cadastrar

Conteúdo Relacionado

Notícias

Notícias - Redes sociais ajudam na reconstrução da identidade racial

(0)

(0)



Richard Romancini

Richard é doutor em Comunicação, pesquisador e professor do curso de pós-graduação lato-sensu em Educomunicação da ECA-USP.

Compartilhar Salvar nos favoritos Imprimir

Deixe seu comentário (0) Comentários

Nome

E-mail

(seu e-mail não será divulgado)

Comentário

Enviar

As notícias mais curtidas

- | | | |
|--|--|---|
| <p>Mais curtidas</p> <hr style="border: 0; border-top: 1px solid #ccc; margin-bottom: 5px;"/> <p style="text-align: center;">(3544)</p> <p>19/11/2013 - Notícias
Memorial (de Afonso Cláudio)
Memorial (em mídia) da cidade de Afonso Cláudio-ES, feito pelos alunos do E ...</p> | <p style="text-align: center;">(2071)</p> <p>01/11/2013 - Notícias
“Júri simulado, uma proposta interdisciplinar”
Atividade desenvolvida com o objetivo de debater temas pertinentes no forma ...</p> | <p style="text-align: center;">(1376)</p> <p>30/10/2013 - Notícias
O projeto minha escola, minha vida, foi pra mim...
É minha experiência como alfabetizadora, alcancei a alfabetização de todos ...</p> |
|--|--|---|

Mais comentadas

Faça parte desta rede e envie seu conteúdo para o portal NET Educação!

Participe

Nossos parceiros

Conheça as empresas e as instituições que apoiam nosso trabalho:

Nossas redes sociais

Newsletter

Receba as novidades de NET Educação por e-mail:

Cadastrar